

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
CURSO DE FILOSOFIA

TIAGO DE LIMA CASTRO

O FILÓSOFO E SEU FOGO INTERIOR

MAUÁ

2010

TIAGO DE LIMA CASTRO

O FILÓSOFO E SEU FOGO INTERIOR

Primeira atividade modular abordando a história da filosofia como fonte de conhecimento e o filósofo como pensador e crítico.

Orientação: Prof. W Wesley Adriano Martins
Dourado

MAUÁ

2010

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 O FILÓSOFO E SEU FOGO INTERIOR	5
CONCLUSÃO	8
REFERÊNCIAS.....	9
OBRAS CONSULTADAS	10

INTRODUÇÃO

Quando pensamos no filósofo como pensador e crítico, um dos grandes questionamentos é qual relação ele terá com a tradição filosófica? Por isso começamos analisando a tradição filosófica, e a relação do filósofo com sua própria realidade. Não é do escopo deste trabalho analisar o desenvolvimento lógico e cronológico da tradição, mas sim sua relação com o filósofo.

Em seguida passamos a refletir sobre o filósofo como homem, inserido no mundo, o que mostra como naturalmente no momento em que ele atua, o influencia para partir daí alinharmos o filósofo e sua relação com a tradição, os dois caminhando para o futuro.

Em conclusão apresentamos uma relação entre o filósofo, sua visão da realidade e sua relação com a tradição na metáfora que titula o trabalho.

1 O FILÓSOFO E SEU FOGO INTERIOR

Para re-flexionarmos sobre o fogo interior que consome e também nutre o filósofo, precisamos refletir sobre a sua própria visão da filosofia.

Ao refletirmos sobre a filosofia, vemos que ela apresenta um percurso lógico e cronológico, de maneira que “a filosofia tem a sua história, mas ela também está inserida na história” (SAYEGH, 2004, pg. 41). Dessa forma, o filósofo pode seguir por dois caminhos, um onde gira somente em torno da tradição, caminhando para um tradiciocentrismo; ou vendo a tradição como um percurso de retorno ao passado para caminhar no presente, pois “a tradição não nos entrega à prisão do passado e irrevogável. Transmitir, *delivrer* é um libertar para a liberdade do diálogo com o que foi e continua sendo” (HEIDEGGER, 1973, pg. 213).

Escolhendo o segundo caminho, passamos a pensar sobre o indivíduo filósofo, o qual reflete e executa o ato de filosofar. Num primeiro momento, pode-se concluir que o retorno a tradição leva o filósofo a entrar em uma espécie de areia movediça, onde quanto mais ele agita-se e movimenta a tradição, mais ele se afunda nela afastando-o da própria realidade, mas afinal o que é filósofo?

Podemos considerar que o filósofo, numa visão existencialista¹, é um ser-no-mundo, um *dansein*, que pode ser conceituado como “ser do homem no mundo” (ABBAGNANO, 2007, pg. 268), e também que “o homem está sempre em uma situação, lançado nela, e em relação ativa com ela” (ANTISERI; REALE, 1991, p. 583), ou seja, o filósofo é um homem, não no sentido de gênero, que existe e atua no mundo onde está inserido, por conseqüência não podemos separar sua perquirição filosófica da facticidade² de sua existência.

Como o filósofo está inserido em uma realidade, naturalmente ao botar os olhos sobre a tradição, fará uma leitura dentro de sua interioridade, de sua

¹ Adjetivação de existencialismo: “[...] conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas cuja marca comum não são os pressupostos e as conclusões (que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência [...] como modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada situação, analisável em termos de possibilidade.” (ABBAGNANO, 2007, pg. 468)

² Facticidade: “segundo Heidegger, o que caracteriza a existência como lançada no mundo, ou seja, à mercê dos fatos, ou do nível dos fatos e entregue ao determinismo dos fatos [...] a facticidade é um modo de ser próprio do homem [...]”

subjetividade. De forma que ao buscar esta tradição, estando ele inserido em outro momento histórico, acaba relendo a tradição dentro de seu próprio contexto. Isto não implica, necessariamente, em uma leitura deturpada ou anacrônica da tradição, mas sim que o filósofo como sujeito cognoscente não deixa de ser um sujeito, uma individualidade, um ente com sua própria subjetividade, sua memória, mesmo tomando todo o cuidado e método ao relacionar-se com a tradição.

Nesta relação com a tradição veremos que

“[...] os problemas que o filósofo se ocupou são os problemas que se punham em seu tempo; a ciência que ele utilizou ou criticou foi a ciência de seu tempo. Nas teorias que se expôs poderemos reencontrar, se procurarmos as idéias de seus contemporâneos e de seus antecessores” (BERGSON, 1979, p. 57).

Por isso que ao pensarmos no filósofo inserido em nossa realidade, ou no nosso contexto histórico, com seu fogo interior em busca de respostas aos seus questionamentos, terá como elemento combustível a própria realidade, seu próprio mundo onde está inserido; mas para esse fogo interior realmente entrar em combustão, terá que acrescentar o comburente da tradição filosófica, que lhe mostrará o que já foi pensado sobre o tema e os caminhos pelos quais ele já foi pensando, daí podendo-o levar a um caminho novo, ou mesmo a um pensamento novo, de maneira que:

“[...] o filósofo deve colocar-se no movimento de sua consciência virtual, e nela buscar uma bagagem mais e mais rica de pensamentos, idéias ou lembranças, para uma obra mais profunda e elevada. É assim que as potências de nosso espírito despertam, tomam consciência de si mesmas, percebem-se em obra.” (SAYEGH, 2008, p. 49)

Afinal o filósofo, mesmo sendo um ser-no-mundo, é uma consciência, ou seja, “é memória – conservação e acumulação do passado no presente” (BERGSON, 1979, p. 71). Efetivamente

“[...] para criar o futuro, é preciso que algo dele seja preparado no presente, como a preparação do que será só pode ser efetuada utilizando o que já foi, a vida se empenha desde o começo em conservar o passado e antecipar o futuro numa duração em que passado, presente e futuro penetram um no outro e formam uma continuidade indivisa: esta memória e esta antecipação são, como vimos, a própria consciência.” (BERGSON, 1979, p. 75)

De maneira que sendo naturalmente o filósofo uma consciência, portanto memória, como Bergson (1979) nos apresenta, naturalmente em todo o momento ativo do filosofar, ele atua em uma comunhão entre passado, presente e futuro, ou seja, em uma única realidade movente, de maneira que se o filósofo não parte do momento presente para o futuro, mas sim há natural fluir nesse processo filosófico. Se o único passado do filósofo for suas próprias experiências, conceitos e vivências, com total exclusão da tradição filosófica, a sua apreensão da realidade será conflituosa, pois neste processo de integração tendo como seu passado somente os conceitos adquiridos em sua inserção no mundo, na maioria das vezes derivados do meio social em que vive e se desenvolve, ele provavelmente cairá neles novamente, ou seja, cairá no senso-comum.

Pensemos em uma questão da atualidade, por exemplo, a ética. Para alimentar o fogo interior em busca de compreensão da ética passaremos por toda a tradição, desde os pré-socráticos, passando por Sócrates, caminhando por seus discípulos, trilhando os caminhos da Patrística, da Escolástica, seguindo pelo Renascimento, o Modernismo, o Iluminismo, o Romantismo até chegarmos ao Contemporâneo. Mas se pararmos aqui, o fogo interior não entrará em combustão, pois teremos somente o comburente, precisamos no combustível da visão da própria realidade, para dessa forma o fogo arder em plenitude, e por que não queimar em transcendência³. Transcendência impulsionada por seu olhar sobre a realidade e sobre a vivência com a tradição filosófica, mostrando-lhe os caminhos já percorridos.

Agora, se pensarmos no mesmo objeto de reflexão, a ética, mas sem utilizar o comburente da tradição filosófica, o seu fogo interior não queimará, pois sem o comburente da tradição filosófica, ele tenderá a crer que transcendeu, mas provavelmente cairá no senso comum, ao invés de transcendê-lo. Mesmo que nesta busca ele supere o senso comum, há o grande risco de percorrer um caminho por trilhas já desveladas, de maneira que o filósofo poderá cair na repetição da tradição, exatamente por não conhecê-la.

³ No sentido de “ato de se estabelecer uma relação, sem que esta signifique unidade ou identidade de seus termos, mas sim garantindo, com a própria relação, a sua alteridade [...] em sentido ativo [...]” (ABBAGNANO, 2007, pg. 1157)

CONCLUSÃO

Ao discorrermos sobre o fogo interior que anima o filósofo, verificamos que a filosofia já tem todo um percurso lógico e cronológico, no qual o pensador pode somente girar sobre a tradição, ou pode utilizá-la para transcender.

Vimos que sem o conhecimento da tradição, e somente com a análise da realidade, o filósofo pode cair na repetição e no senso-comum, pois ao buscar adentrar no aspecto movente da realidade, somente o seu próprio senso-comum entra em jogo.

Concluimos que é necessário então dois elementos para este fogo interior queimar, o combustível da visão da própria realidade, com o comburente da tradição filosófica, os quais levam a transcender no processo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia**: do romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.

BERGSON, Henri. **Cartas, conferências e outros escritos**. Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. Que é Isto – A Filosofia?. In: HEIDEGGER, M.; SARTRE, J. P. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Vol. XLV. p. 205-22.

SAYEGH, Astrid. **Bergson: O método intuitivo**: Uma abordagem positiva do Espírito. São Paulo: Humanitas, 2008.

_____. **Ser para conhecer: conhecer para ser**. São Paulo: Edições FEESP, 2004.

OBRAS CONSULTADAS

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

MORENTE. G. **Fundamentos da Filosofia**: Lições Preliminares. São Paulo: Editora Mestre Jou , 1970.

Normas para elaboração e apresentação de trabalho acadêmico, disponível em < <http://www.metodista.br/biblioteca/normas-para-a-elaboracao-e-apresentacao-de-trabalhos-academicos-2008>>, último acesso: fevereiro/2010.